

Bruna Carlini

Biomédica.

Centro Universitário Católica de Santa Catarina. Joinville, SC

Carolina Fernanda Dopke

Biomédica.

Centro Universitário Católica de Santa Catarina. Joinville, SC

Luís Bizzo

Biólogo, professor.

Centro Universitário – Católica de Santa Catarina. Joinville, SC

RESUMO

Com o avanço científico e tecnológico na área da saúde, o transplante de células tronco hematopoiéticas tornou-se um procedimento terapêutico amplamente utilizado para o tratamento de doenças até pouco tempo consideradas incuráveis. O presente estudo teve como objetivo realizar a análise do conhecimento de acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Joinville/SC em relação ao transplante de medula. A metodologia foi uma pesquisa de campo de abordagem quantitativa e qualitativa, por meio de um questionário-entrevista aplicado a duzentos universitários devidamente matriculados, nos turnos matutino e noturno, de ambos os gêneros e maiores de idade (faixa etária entre 18 a 55 anos). A análise estatística foi determinada pelo teste t pareado unilateral, admitindo-se um nível de significância $p < 0,05$, utilizando o software BioEstat. Observou-se que apesar dos universitários deterem conhecimento acerca da importância do procedimento de transplante, ainda existe a necessidade de provocar um "despertar" nos acadêmicos para a temática de doação de medula óssea, desenvolvendo para isso estratégias de esclarecimento, enfatizando a importância de se cadastrar como doador voluntário. Percebeu-se que apenas os universitários já cadastrados como doadores de medula óssea possuíam conhecimento alto acerca do assunto, já nos acadêmicos não cadastrados como doadores voluntários foi percebido um conhecimento prévio razoável ou baixo. Entretanto, este estudo evidenciou que um número significativo dos graduandos não detém de conhecimentos básicos sobre o tema. É notável que a desinformação em relação à doação de medula óssea, assim como dúvidas que geralmente surgem de comentários errôneos do senso comum baseado no misticismo cultural, são fatores que interferem na decisão de se tornar ou não um doador.

Palavras-chave: Células tronco hematopoiéticas. Universitários. Doador voluntário. Medula óssea. Transplante. Redome.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, com o avanço científico e tecnológico na área da saúde, o transplante de medula óssea tornou-se um procedimento terapêutico amplamente utilizado para o tratamento de doenças até pouco tempo consideradas incuráveis. Esse procedimento é indicado principalmente para o tratamento de doenças que comprometem o funcionamento normal da medula óssea, como por exemplo, doenças hematológicas, onco-hematológicas, imunodeficiências, doenças genéticas e doenças autoimunes (CORGOZINHO et al., 2012), sendo considerado muitas vezes, a única opção de tratamento para determinadas patologias (França et al., 2017).

Cabe salientar que o termo transplante de células tronco hematopoiéticas é preferível ao termo transplante de medula óssea. Essa terminologia é considerada mais adequada pelo fato do transplante englobar não apenas a medula óssea, e sim outras fontes, tais como, o sangue periférico e o cordão umbilical (MATIAS et al., 2011). Entretanto, a terminologia comumente conhecida entre os indivíduos é a que se refere a medula óssea.

O transplante de medula óssea tem como objetivo infundir as células progenitoras hematopoiéticas a fim de corrigir um defeito qualitativo ou quantitativo da medula óssea. Para tanto, é necessário que ocorra a substituição de uma medula óssea danificada ou deficitária, por células normais, com o propósito de restabelecer a função medular dos indivíduos (PEREIRA, 2008).

Embora o transplante de medula óssea possa auxiliar no tratamento de cerca de oitenta doenças em diferentes estágios, a principal barreira na realização do procedimento é a dificuldade na busca por doadores compatíveis. Estima-se que a chance de se encontrar um doador compatível seja de 1 em cada 100 mil pessoas, em média. O doador ideal, isto é, o irmão compatível encontra-se disponível apenas em cerca de 25% das famílias brasileiras (REDOME, 2018). A maior probabilidade de se encontrar um doador compatível está entre os irmãos. Portanto, quanto maior a quantidade de irmãos, maior a probabilidade de o indivíduo encontrar um doador nesse grupo familiar⁶.

Atualmente, a tendência é existirem famílias cada vez menores. Por isso, se hoje 75% dos pacientes que necessitam de um transplante de medula óssea não encontram doadores compatíveis entre os seus familiares (Lima et al., 2015), a perspectiva é de piora com o tempo, aumentando desta maneira, a necessidade de se recorrer ao banco de dados de doadores de medula. Quando se procura um doador fora da família às chances de compatibilidade entre o doador e receptor diminuem bastante, e a mistura étnica da população

brasileira dificulta ainda mais a busca por compatibilidade. Por isso, existe a necessidade de incentivar o maior número de pessoas a realizar o cadastramento no REDOME, com o objetivo de maximizar as possibilidades de sucesso na busca por doadores compatíveis.

Segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), atualmente, o Brasil conta com 208 milhões de habitantes. Destes, quatro milhões e meio estão cadastrados no Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME, 2018). Tão importante quanto aumentar o número de doadores cadastrados no REDOME é manter o registro atualizado (LIMA et al., 2015).

A constante mobilização para que os cadastros estejam atualizados vem dando resultado (REDOME, 2018). No entanto, apesar da evolução dos números, ainda é fundamental que a mobilização continue, pois ainda assim, existe uma lacuna na busca por doadores relacionada à atualização dos cadastros, já que 30% dos possíveis doadores que apresentam uma compatibilidade inicial com algum paciente, não podem ser contatados devido à falta de atualização dos cadastros. As campanhas para captação de novos doadores têm sido cada vez mais frequentes. Entretanto, o número de doadores não é suficiente para atender a demanda de pacientes que necessitam do transplante (FRANÇA et al., 2017).

É notável que a desinformação da população acerca do transplante de medula óssea pode ocasionar insegurança aos doadores voluntários. A falta de conhecimento em relação à doação de medula óssea, assim como dúvidas que geralmente surgem de comentários errôneos do senso comum baseado no misticismo cultural, são fatores que interferem na decisão de se tornar ou não um doador (INCA, 2018).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar o nível de conhecimento de acadêmicos de um centro universitário localizado no município de Joinville/SC em relação ao transplante de medula óssea e com isso, verificar: se a falta de informação influencia no número reduzido de doadores cadastrados no REDOME; a disposição dos acadêmicos em se tornarem doadores; e porque a quantidade de doadores voluntários de medula óssea é inferior a demanda dos pacientes que necessitam da doação.

Acredita-se que haja um desconhecimento em relação ao procedimento de transplante de medula óssea, devido à falta de políticas voltadas para conscientização da população acerca da segurança do procedimento e da importância de se cadastrar e manter o registro atualizado no banco de dados de doadores voluntários.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem quantitativa e qualitativa. O estudo foi realizado em um Centro Universitário localizado no município de Joinville, Santa Catarina, no período de agosto de 2018, através da aplicação de um questionário-entrevista com o objetivo de analisar o conhecimento dos acadêmicos a respeito do transplante de medula óssea. O

questionário desenvolvido pelas pesquisadoras foi impresso e entregue aos participantes do estudo e este foi estruturado em três módulos: (1) coleta de dados demográficos, tais como idade, sexo e curso; (2) disposição do entrevistado em tornar-se doador voluntário de medula óssea; (3) perguntas abertas e fechadas, diretas e indiretas a respeito do conhecimento sobre o transplante de medula óssea e do processo de doação.

Com o objetivo de avaliar a disposição da população de acadêmicos entrevistados em se tornarem doadores voluntários de medula óssea, realizou-se três questionamentos. Para cada um destes, foram atribuídas notas, e após a explicação das pesquisadoras do estudo acerca do procedimento do transplante de medula e do processo de doação, foi possível verificar se houve ou não uma mudança na disposição dos acadêmicos em se tornarem doadores.

Os acadêmicos foram questionados com as seguintes perguntas: 1) Qual a sua disposição em tornar-se um doador voluntário de medula óssea? 2) Depois da explicação das pesquisadoras a respeito da importância de se cadastrar como doador voluntário de medula, qual a sua disposição em se tornar doador? 3) Se o paciente que necessitasse da doação de medula fosse alguém próximo a você, qual seria a sua disposição em ser um doador?

As opções de respostas para essas perguntas foram respectivamente: totalmente indisposto; parcialmente indisposto; nem indisposto, nem disposto; parcialmente disposto e plenamente disposto. A cada uma dessas opções de respostas foram atribuídas notas de 1 a 5, sendo a nota de número 1 para a opção “totalmente indisposto”; nota de número 2 para a opção “parcialmente indisposto”; nota de número 3 para a opção “nem indisposto, nem disposto”; nota de número 4 para a opção “parcialmente disposto” e nota de número 5 para a opção “plenamente disposto”.

Corroborando e respeitando o estabelecido nas normas, regras e diretrizes propostas pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, definidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e do Ministério da Saúde (MS), esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/IELUSC, que por sua vez, foi aprovada no dia 23 de agosto de 2018, tendo recebido o parecer substanciado sob o número de protocolo 2.840.337, após a revisão dos membros docentes do comitê.

A amostragem foi constituída de aproximadamente 10% dos discentes da instituição de ensino superior. Sendo assim, foram entrevistados de forma aleatória, 200 acadêmicos. Foram pré-estabelecidos como critérios de inclusão: universitários devidamente matriculados na instituição, nos turnos matutino e noturno, de ambos os gêneros e maiores de idade (faixa etária entre 18 a 55 anos) que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram excluídos da pesquisa universitários menores de 18 e maiores de 55 anos; universitários que se negaram a realizar a entrevista respondendo o questionário; universitários que se negaram a responder alguma questão presente no questionário ou se negaram a assinar o Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido. Devido aos critérios de exclusão houve uma perda de 5% da amostra, que passou a contar com 190 participantes.

Para a realização da análise estatística, as informações obtidas foram inseridas no banco de dados do programa *Microsoft Office Excel*, organizadas e categorizadas para a elaboração de gráficos demonstrativos e tabelas com frequência simples. A análise de significância estatística foi determinada pelo software BioEstat (versão 5.3) no qual, realizou-se um teste t pareado unilateral. O teste t pareado é útil para comparar medidas que não são independentes, isto é, serve para analisar o mesmo conjunto de itens que foram medidos sob duas condições diferentes ou as diferenças nas medições feitas sobre o mesmo assunto antes e depois de um tratamento, visando determinar se a média das diferenças entre duas amostras pareadas é diferente de 0.

Admitiu-se um nível de significância $p < 0,05$ com o objetivo de avaliar a disposição do candidato em se tornar um doador. Com base nisso, foi possível verificar as diferenças de respostas dos participantes do estudo em três situações: antes da explicação das pesquisadoras acerca da importância do procedimento de doação de medula óssea; após a explicação das pesquisadoras; e se o paciente que necessitasse da doação de medula fosse alguém próximo ao acadêmico.

RESULTADOS

Do total de 200 acadêmicos entrevistados, apenas 10 não se enquadraram nos critérios de inclusão, pois se negaram a responder alguma questão presente no questionário ou se negaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Portanto, esses casos não foram contabilizados no levantamento de dados, totalizando 190 questionários avaliados.

De acordo com o ilustrado na Tabela 1, os acadêmicos entrevistados tinham idade entre 18 a 50 anos, mediana de 22 e moda de 21 anos e a maioria pertencia ao sexo feminino, representando 61% dos participantes da pesquisa. Foram entrevistados acadêmicos de dez cursos de graduação da instituição de ensino superior e a maior parte pertencia aos cursos de Direito, Administração e Biomedicina.

Tabela 01 – Dados demográficos dos acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Joinville - SC entrevistados. Santa Catarina, 2018.

Caracterização da amostra		Nº	%
Gênero	Feminino	116	61
	Masculino	74	39
Faixa etária	18 - 27 anos	167	88
	28 - 37 anos	15	8

	38 - 50 anos	8	4
Curso	Direito	66	35
	Administração	39	20
	Biomedicina	25	12
	Arquitetura e Urbanismo	16	8
	Ciências Contábeis	13	7
	Engenharia Civil	11	6
	Teologia	7	4
	Engenharia Mecânica	7	4
	Engenharia de Produção	5	3
	Engenharia de Software	1	1

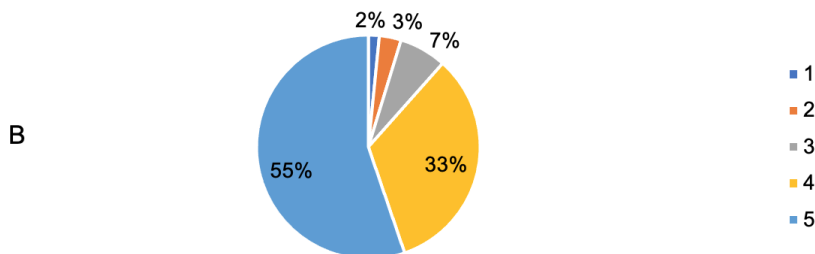
Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Antes da explicação das pesquisadoras a respeito dos conceitos básicos que envolvem o processo de doação e da importância de se cadastrar como doador voluntário de medula, os acadêmicos foram questionados quanto à disposição em tornar-se um doador. Mediante isto, do total de 190 entrevistados, constatou-se que a maioria estava parcialmente disposto em se tornar um doador voluntário de medula óssea, sendo que a média de nota atribuída para esta questão foi de 3,85 (Figura 01A). Após a explicação das pesquisadoras observou-se um aumento da nota média, que passou de 3,85 para 4,37 (Figura 01B). Em relação aos laços familiares, percebeu-se um aumento relevante da disposição do acadêmico, visto que a média de nota atribuída para esta questão foi de 4,68 (Figura 01C).

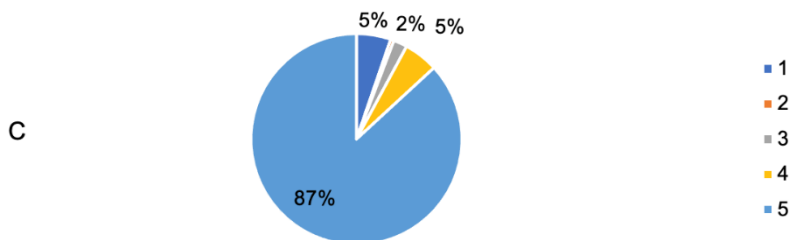
Figura 01 – Disposição dos acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Joinville – SC em se tornarem doadores voluntários de medula óssea.



Depois da explicação das acadêmicas a respeito da importância de se cadastrar como doador voluntário de medula óssea, qual a sua disposição em se tornar um doador voluntário?



Se o paciente que necessitasse de doação de medula fosse alguém próximo a você, qual seria sua disposição a ser um doador voluntário?



LEGENDA:

- 1 – Totalmente indisposto
- 2 – Parcialmente indisposto
- 3 – Nem indisposto, nem disposto
- 4 – Parcialmente disposto
- 5 – Plenamente disposto

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Nesse sentido, notou-se que depois de realizada a explicação, a disponibilidade do acadêmico em se tornar um doador de medula óssea foi maior (teste t pareado, $t = -8,161$; g.l. = 189; $p < 0,0001$; IC -0,653 a -0,400). Do mesmo modo, verificou-se que a disponibilidade foi ainda maior quando questionados sobre a possibilidade do receptor ser um membro familiar ou alguma pessoa próxima (teste t pareado, $t = -4,433$; g.l. = 189; $p < 0,0001$; IC -0,440 a -0,170). Desta forma, do total de entrevistados, 86,8% afirmaram estar plenamente dispostos a se tornarem doadores caso o paciente que necessitasse de doação de medula fosse alguém próximo. No entanto, houve 5,3% ($n=10$) de casos de respostas discordantes, no qual os acadêmicos responderam estarem totalmente indispostos.

Um estudo realizado em 2009 por Camargo et al. no município de Porto Alegre, também demonstrou que a maioria dos entrevistados afirmou estar plenamente dispostos a serem doadores. Em se tratando de laços familiares, do total de 160 entrevistados, 60 responderam que mudariam a

sua disposição em tornar-se doador, sendo o paciente que necessitasse do transplante de medula, alguém próximo.

Em relação ao conhecimento sobre a definição e a função de medula óssea, 135 acadêmicos (71%) demonstraram ter conhecimento, respondendo corretamente à questão. Entretanto, os demais acadêmicos conceituaram a medula óssea de forma errônea, uma vez que confundiram o termo medula óssea com medula espinhal. É válido ressaltar que é de suma importância não haver confusão entre esses dois termos, haja vista que a medula óssea é um tecido gelatinoso encontrado no interior dos ossos, enquanto que a medula espinhal é formada por um tecido nervoso que ocupa o espaço no interior da coluna vertebral.

O estudo de Nogueira et al. (2017) demonstrou que a maioria dos participantes entrevistados afirmou ter conhecimento a respeito da definição de medula óssea. Todavia, quando questionados sobre a função da medula óssea, do total de 114 participantes do estudo, apenas 57,1% conceituaram adequadamente. Em um estudo similar realizado por Camargo et al. (2009), os pesquisadores verificaram que as pessoas costumam confundir medula óssea com medula espinhal. Em decorrência disso, acreditam que o procedimento de coleta da medula óssea seja realizado na medula espinhal, e por este motivo, deixam de se cadastrar como doadoras voluntárias por temerem o risco de paraplegia pós-coleta e lesões nesta região.

Dos 190 acadêmicos entrevistados, 96,3% relataram que já ouviram falar sobre o transplante de medula óssea. No que tange à compreensão sobre o procedimento de transplante, a maioria (60%) declarou que o procedimento é doloroso e ao serem questionados se o transplante de medula apresenta algum risco para o doador, 77% afirmou que não. Quanto aos resultados apresentados sobre a existência de situações que impossibilitam o indivíduo a ser um doador, 91% dos participantes responderam corretamente, relatando que existem situações que ocasionam tal impedimento.

De acordo com Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2018), os sintomas comumente apresentados pelo doador após o procedimento de doação são dor local, astenia (fraqueza temporária) e dor de cabeça. Porém, esses sintomas são passageiros e controlados com medicamentos simples, como analgésicos.

Para Castro et al., (2012), o índice de complicações graves referentes a este procedimento é baixo, em torno de 0,4%. Estas complicações ocorrem, em sua maioria, em doadores com história de doença prévia, e metade delas pode ser atribuída à anestesia. Existem relatos médicos de que a ocorrência de problemas graves relacionados a doadores durante e após a doação é rara e limitada às intercorrências controláveis. Assim sendo, o estado físico do doador é checado anteriormente, só se habilitando ao procedimento de doação os indivíduos que apresentarem boas condições de saúde (França et al., 2017). Em vista disso, o presente estudo corrobora o que foi dito pelos referidos autores, demonstrando que existe um certo conhecimento por parte dos acadêmicos no que tange ao procedimento de doação de medula,

especificamente no que se refere à dor, risco e situações impeditivas do ato de doação.

Em relação ao conhecimento acerca das doenças que podem ser tratadas com o TMO (Transplante de Medula Óssea), perguntou-se aos acadêmicos se eles sabiam quais doenças poderiam ser tratadas, e para os que responderam de maneira positiva, questionou-se ainda, quais eram essas doenças. Apenas 44% dos acadêmicos responderam que tinham conhecimento, sendo que destes, apenas 7,1% acertaram as doenças, afirmando que leucemias, linfomas, alguns tipos de anemias e doenças auto-imunes podem ser tratadas com o transplante de medula óssea. Mediante disso, verificou-se que a maioria dos acadêmicos (60,7%) optou pela resposta “leucemias e linfomas” e somente 1,2% considerou como resposta as doenças auto-imunes.

No que tange ao baixo conhecimento dos acadêmicos em relação às doenças, a pesquisa realizada por Nogueira et al., (2017) verificou que mais da metade dos entrevistados desconheciam as doenças que podem ser tratadas. Apenas um terço respondeu que a doação de medula é indicada para o tratamento de doenças do sangue, transplantes, tratamento de leucemia e reconstituição de células, reafirmando assim o que foi observado no presente estudo, pois também se verificou um baixo nível de conhecimento por parte dos entrevistados. Observa-se então que o não conhecimento do que pode estar sendo tratado através de uma doação voluntária, possa ser um dos grandes motivos para a falta de doadores cadastrados.

Para que se avaliasse o conhecimento geral sobre a doação de medula óssea, das dezesseis alternativas presentes no questionário, pediu-se que os entrevistados assinalassem as opções que julgassem verdadeiras. Conforme o descrito na Tabela 02, das respostas obtidas fez-se uma seleção com as cinco questões que obtiveram mais acertos e cinco com maior número de erros.

Tabela 02 – Amostra de questões aplicadas a acadêmicos de uma Instituição de Ensino Superior de Joinville – SC em 2018 sobre transplante de medula óssea que apresentaram maior e menor acertos.

Questão	% acertos
A doação só vale para a minha cidade	99,5%
O doador corre risco de vida ao realizar a doação	94,2%
Para ser doador é preciso fazer um cadastro voluntário	90,5%
É necessário haver compatibilidade entre doador e receptor	87,4%
Existe uma fila de espera para o transplante de medula óssea	82,1%
O doador pode realizar a doação de medula óssea mais de uma vez	55,8%
A medula é retirada do interior de ossos da bacia, por meio de punções com agulha	52,6%

É feita através de uma cirurgia, sob anestesia peridural ou geral, e requer internação de 24 h	42,6%
A medula óssea do doador se recupera em apenas 15 dias	42,6%
Os doadores retornam às suas atividades habituais depois da 1ª semana após a doação	37,4%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Um estudo similar realizado por Lima et al., (2015) afirma que a maioria das informações relacionadas ao transplante estão vinculadas pela mídia, no entanto, ao analisar os resultados do conhecimento sobre o assunto, a maioria dos participantes não souberam responder completamente as questões. Diante disso, o estudo sugere então, que embora a mídia tenha veiculado as informações sobre o transplante de medula óssea, ela não garantiu o aprendizado da população. Da mesma forma, pode-se perceber na pesquisa realizada na instituição de ensino superior de Joinville, que o número de informações veiculadas são grandes, porém, sem a capacidade de fixar o conhecimento em quem as ouve, causando inúmeras dúvidas nos entrevistados acerca da veracidade de algumas informações.

O resultado apresentado na Tabela 02 acima, permite inferir que embora uma boa porcentagem de alternativas da questão tenha tido um grande número de erros, a maioria dos acadêmicos apresentou um nível de conhecimento razoável ao responder essa questão e percebeu-se que no decorrer do processo de resposta, iam surgindo diversas dúvidas por parte dos entrevistados.

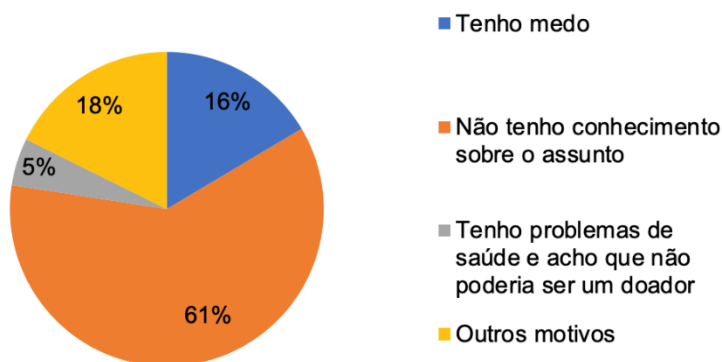
Do total de entrevistados, apenas três acadêmicos (cursos de biomedicina, direito e teologia) obtiveram 100% de acerto na questão que se refere à doação de medula óssea, sendo todos já cadastrados como doadores voluntários. Um fator importante a ser observado nessa questão é que apenas os doadores sabiam responder a todas as alternativas, julgando-as corretamente se verdadeiras. Em vista disso, o conhecimento entre aqueles que não são cadastrados como doadores voluntários ainda se mantém abaixo do ideal, o que pressupõem-se de fato, que a falta de informação ocasiona, por vezes, o baixo número de doadores cadastrados. Um estudo de Watanabe et al. (2009) corrobora isto, pois neste estudo relatou-se que mais da metade dos entrevistados declararam não ter conhecimento sobre as campanhas de doação de medula óssea em sua região.

No que concerne ao conhecimento sobre o Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME), cerca de um terço (36%) dos participantes reconheceu o órgão nacional. O mesmo número de entrevistados afirmou conhecer alguém que seja cadastrado como doador voluntário de medula óssea. Quando questionados sobre a localização de algum centro de cadastro em Joinville-SC, apenas 32% dos acadêmicos afirmaram conhecer o local, e desses, todos deram como resposta descritiva o HEMOSC (Hemocentro) comprovando de fato, que os entrevistados

possuem conhecimento sobre a localização de um hemocentro na cidade em estudo.

Quando questionados sobre o cadastro, verificou-se que 86% dos acadêmicos não eram doadores voluntários de medula óssea, tornando assim, o número de 14% de entrevistados cadastrados como doadores muito baixo, tendo em vista a boa porcentagem que detinha conhecimento acerca do REDOME e HEMOSC. Aos que afirmaram não serem doadores, questionou-se o motivo. A pergunta consistia de quatro alternativas, podendo-se escolher uma ou mais. Com base nas respostas, a maioria dos entrevistados (61%) referiram como principal motivo do não cadastramento, a falta de conhecimento sobre o assunto. Os motivos que levaram os acadêmicos entrevistados a não realizar o cadastramento como doador voluntário de medula óssea são elucidados no Gráfico 2.

Figura 02 – Motivos dos acadêmicos entrevistados de uma Instituição de Ensino Superior de Joinville – SC não se tornarem doadores voluntários de medula óssea.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

O estudo de Lima et al., (2015) concluiu que as pessoas não doadoras de medula óssea consideram a falta de tempo e oportunidade a principal causa para não fazerem o cadastro no REDOME. Ainda, consideram a falta de motivação e a falta de informação outros dois fatores importantes para a falta de cadastros voluntários. O que se percebeu na presente pesquisa é que um dos possíveis motivos para os estudantes de Joinville não serem cadastrados é que embora detenham algum conhecimento, esse, pode ser baixo e com grande número de informações incorretas, ocasionando assim, um número reduzido de cadastros voluntários.

Um estudo de Camargo et al.(2009) aponta que o maior medo que as pessoas têm para se tornarem doadoras é a transmissão de doenças como hepatite e AIDS, que são transmitidas a partir do sangue. Este estudo ainda

conclui que, apesar da facilidade de acesso às informações, estas não são divulgadas de forma clara para a grande maioria da população, resultado corroborado com a presente pesquisa, concluindo-se então que da mesma forma, a falta de informações acerca do procedimento de transplante de medula óssea tem sido a principal causa do número reduzido de doadores voluntários na instituição de ensino superior de Joinville.

Nos últimos anos, o número de cadastrados no REDOME tem aumentado, mas ainda não é o suficiente para sanar a necessidade de inúmeros pacientes que possuem apenas o transplante como tratamento (REDOME, 2018). Mesmo assim, percebe-se que a população geral ainda necessita de informações que possam contribuir para a adesão consciente. Portanto, a análise do conhecimento dos graduandos poderá trazer contribuições para a elaboração e direcionamento de medidas reparadoras e campanhas educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, observou-se que apesar dos universitários deterem conhecimento acerca da importância do procedimento de transplante, ainda existe a necessidade de provocar um "despertar" nos acadêmicos para a temática de doação de medula óssea, desenvolvendo para isso estratégias de esclarecimento, enfatizando a importância de se cadastrar como doador voluntário.

Tendo em vista que o termo transplante de células tronco hematopoiéticas é preferível ao termo transplante de medula óssea, pelo fato do transplante englobar não apenas a medula óssea, e sim outras fontes, como por exemplo, o sangue periférico e o cordão umbilical, verificou-se por meio desta pesquisa que a terminologia comumente conhecida entre os acadêmicos é a que se refere a medula óssea.

Entretanto, acredita-se que a mudança do termo poderia diminuir a confusão e o medo por parte dos indivíduos, pois um dos motivos da baixa adesão a doação é a confusão da medula óssea com a medula espinhal. As pessoas acreditam que no "transplante de medula óssea" é preciso retirar um fragmento da medula, enquanto que na verdade, são realizadas apenas punções com o objetivo de coletar as células tronco hematopoiéticas.

A presente pesquisa demonstrou que a maior parte dos acadêmicos entrevistados já ouviu falar sobre o transplante de medula óssea e que apesar de se caracterizar por um procedimento relativamente simples, os acadêmicos também afirmaram saber que é um procedimento doloroso, fato este comprovado por alguns estudos que declaram que em alguns casos, relata-se pequena dor no local da punção.

Além disso, verificou-se que existe um certo conhecimento por parte dos acadêmicos no que tange ao risco e situações impeditivas do ato de doação, uma vez que a maior parte dos entrevistados afirmou ter conhecimento de que a doação não apresenta algum risco para o doador e

que existem situações que impossibilitam o indivíduo de se tornar doador de medula óssea.

Quando questionados sobre a disposição em tornar-se um doador voluntário de medula, uma boa parte se disse plenamente disposto, e os demais disseram que poderiam mudar de opinião caso a doação fosse para alguém próximo. Nesse sentido, a presente pesquisa serviu para comprovar que a disposição em se tornar doador aumenta quando envolve laços afetivos.

Entretanto, este estudo evidenciou que um número significativo dos graduandos não detém de conhecimentos básicos sobre o tema. É notável que a desinformação e dúvidas sejam fatores que interferem na decisão de se tornar ou não um doador. Acredita-se que este desconhecimento em relação ao procedimento de transplante de medula óssea ocorra devido à falta de políticas voltadas para conscientização da população acerca da segurança do procedimento e da importância de realizar o cadastramento e manter o registro atualizado.

Sabendo que o transplante de medula óssea pode auxiliar no tratamento de cerca de oitenta doenças, observou-se que mais da metade dos entrevistados afirmaram desconhecer essas doenças. No que concerne ao conhecimento sobre o Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME), a maioria dos participantes não reconheceram o órgão nacional e afirmaram não conhecer alguém que seja cadastrado como doador voluntário de medula óssea. Além disso, mais da metade dos acadêmicos desconhece sobre a localização de algum centro de cadastro em Joinville-SC, entretanto, todos os que afirmaram conhecer, acertaram o local. Já em relação ao número de acadêmicos cadastrados como doadores, constatou-se que do total de entrevistados, 86% não são doadores de medula óssea.

A coleta para a doação de medula óssea ainda é considerada um tabu por parte da sociedade, e na presente pesquisa, identificou-se um certo desconhecimento dos acadêmicos sobre questões gerais envolvendo o processo de doação e o cadastramento no REDOME. Isso vem corroborar com outros estudos, evidenciando que ainda existe um descompasso na abordagem deste tema.

Muitos acreditam que no momento do cadastro já é necessário realizar a doação de medula óssea. Verificou-se que os acadêmicos não possuem conhecimento de coleta sangue para armazenamento dos dados e futuramente, caso necessário, ocorra a doação da medula.

Mediante ao exposto, é possível afirmar que os resultados obtidos neste estudo foram similares aos resultados obtidos em outros estudos acerca do tema. A presente pesquisa demonstrou que o conhecimento dos acadêmicos sobre o transplante de medula óssea na referida instituição estudada foi razoavelmente satisfatório, o que se deve em parte, ao pouco ou nenhum contato que os mesmos têm com o assunto.

De modo geral, este trabalho evidencia como o baixo nível de conhecimento dos estudantes universitários sobre doação de células

hematopoiéticas afeta sua disposição em se tornar um doador. Mais ações de difusão científica e conscientização são necessárias, mesmo entre este seletor público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Camargo A, Faraco C, Fernandes F, Guimarães F, Silva L, Aragon L, Silva PL, Dytz R. **Estudo sobre doação voluntária de medula óssea em Porto Alegre e região metropolitana** [Trabalho acadêmico]. Rio Grande do Sul: Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2009.

Castro CG, Gregianin LJ, Brunetto AL. Transplante de medula óssea e transplante de sangue de cordão umbilical em pediatria. **Jornal de Pediatria** 2001; 77(5):345-360.

Corgozinho MM, Gomes JRAA, Garrafa V. Transplante de medula óssea no Brasil: dimensão bioética. **Rev. latinoam. bioet** 2012; 12(22):36-45.

França MM, França MM, Silva RBR, Sena RC, Junior AAL. Transplante de medula óssea, “a busca do doar”. **Revista Saúde** 2017; 11(1):1-67.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação 2018; 15 mar.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Doação de medula óssea. 2018; 15 mar.

Lima ANR, Martins CP, Miguel MP. Avaliação do conhecimento de acadêmicos universitários sobre o transplante de medula óssea e dos motivos para o não cadastramento no redome. **Enciclopédia biosfera** 2015; 11(21):25-33.

Matias AB, Oliveira Cardoso EA, Mastropietro AP, Voltarelli JC, Santos MA. Qualidade de vida e transplante de células-tronco hematopoéticas alogênico: um estudo longitudinal. **Estudos de Psicologia** 2011; 28(2):187-197.

Nogueira MA, Gomes LTS, Cruz LRC, Trajano VT, Lins MA, Maciel DO, Aguiar VFF, Sá AMM. Conhecimentos de acadêmicos de enfermagem sobre doação de medula óssea. **Rev Enferm Atenção Saúde [Online]** 2017; 6(2):49-64.

Pereira LV. A importância do uso das células tronco para a saúde pública. **Cien Saúde Colet** 2008; 13(1):7-14.

Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME).
Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea 2018; 13 abr.

Watanabe AM, Omotto CA, Colli L, Hayashi VMH. Percepção da comunidade nipo-brasileira residente em Curitiba sobre o cadastro de medula óssea. **Rev brasileira de hematologia e hemoterapia [Online]** 2009.